

**DODÔTE: A PERSONAGEM MELANCÓLICA DE *REPOUSO* DE
CORNELIO PENNA**

Luciana Brito
Renata de Paula Ferreira

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a personagem Dodôte, protagonista da obra *Repouso* (1948), de Cornelio Penna, enquanto sujeito melancólico. O olhar do melancólico perante o mundo é peculiar em relação ao das outras pessoas, seu posicionamento diante das ações também o é. Sua autoimagem melancólica pode ser elucidada pelo que Sigmund Freud, em sua obra *Luto e melancolia*, classificou com base nos seus estudos voltados ao superego. Para ele, a melancolia apresenta semelhança com o luto, muito embora seu diferencial fosse o de que a melancolia não tratasse necessariamente da perda, a não ser de uma perda narcisista. É a partir da visão de Dodôte que o romance se constrói e se tem o desvendamento da realidade, mesmo com a possibilidade dessa realidade ter sido modificada, pois se trata do olhar de um melancólico.

Palavras-chave: Romance. *Repouso*. Melancolia. Dodôte.

Abstract: This article aims to analyze the character Dodôte, protagonist of the novel *Repouso* (1948), by Cornelio Penna, as a melancholic individual. The view of the melancholic towards the world is peculiar, related to other people's view; and so is your positioning of the actions. Her melancholic self-image can be elucidated by what Sigmund Freud says, In his piece *Mourning and melancholy*, which was classified and based on his studies of the super-ego. For him, melancholy had similarity with the mourning, although its differential was that melancholy did not talk, necessarily, about the loss, but about a narcissistic loss. It is from the vision of Dodôte that the novel is constructed and one has the unveiling of reality, even with the possibility of this reality could have been modified, since it is the view of a melancholic person.

Keywords: Novel. *Repouso*. Melancholy. Dodôte.

Introdução

Cornelio Penna nasceu em 1896 em Petrópolis, Rio de Janeiro, mas viveu grande parte da infância em Itabira, Mina Gerais, o que marcou sua infância e mais tarde influenciou o enredo de suas obras. Em 1935 publicou *Fronteira*, seguido de *Dois Romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1948) e *A Menina Morta* (1954). A obra de Cornelio Penna é pouco privilegiada em relação aos estudos literários. A comprovação pode ser feita com um olhar mais apurado rumo à fortuna crítica de seus livros. Além de ser autor pouco estudado e mencionado pela crítica literária, a publicação de suas obras também sofre certo distanciamento do grande público, o que resulta em menor visibilidade em relação a outras obras de sua época.

Uma possível teoria que serviria para elucidar o quase esquecimento dado à obra de Cornelio Penna é o fato de que sua temática dista da que foi produzida na década de 1930, em que o tema do regionalismo estava em voga. Comparada ao regionalismo, sua obra é classificada como intimista, misteriosa e lúgubre, muito diferente dos enredos dos romances publicados naquele momento.

Cornelio Penna tinha inclinações por temas que tratavam de questões existenciais, intimistas, favorecendo uma narrativa de caráter psicológico, o que ajuda a esclarecer seu afastamento do grande público, acostumado com enredos tradicionais e lineares. Ao tratar geralmente de sofrimentos íntimos das personagens, de “sofrimentos da alma” relacionados ou não à morte, há pouca preocupação do narrador em explicitar ao leitor a sequência de acontecimentos ou dos pensamentos das personagens. São lacunas textuais que causam mistérios que ficarão em aberto diante de uma textura densa vinda da complexidade de cada personagem. Não se deve concluir que a obra tenha distinta qualidade por ter um tom lacunar, mas sim que essa qualidade pode justificar a reduzida familiaridade do grande público com Cornelio Penna.

Repouso

Terceiro romance da obra de Cornelio Penna, traz a história de Dodôte – Maria Dores – que com a idade de 30 anos vê-se solteira e morando com seus avós e empregados. Inicialmente, apenas os avós e a empregada fazem parte do cotidiano de Dodôte, logo depois se tem notícia do primo Urbano. Ele havia se mudado para outra cidade com o intuito de estudar e acaba casando-se com Maria do Carmo. Com o passar

do tempo, há o falecimento de Maria do Carmo e Urbano descobre-se doente o que o impulsiona a voltar a viver com os avós e posteriormente casar-se com a prima, Dodôte.

Durante algum tempo do casamento, Urbano e Dodôte parecem ter um bom relacionamento. Urbano retoma os trabalhos na botica da família e Dodôte faz companhia ao marido na maior parte do tempo. Com o agravamento da doença de Urbano o afastamento entre os dois cresce dia a dia, não só no plano físico, mas também no campo das ideias e pensamentos. Após algum tempo de casados, já bastante debilitado pela doença, Urbano falece.

Dodôte fica gravemente doente e chega a ser tida como morta. A morte iminente de Dodôte causa grande sofrimento à avó e à empregada, as duas pessoas mais próximas e que a acompanharam durante toda a vida. É à beira da morte que Dodôte tem a notícia de que estaria grávida. De forma bastante inesperada, Dodôte reage a seu estado de moribunda e, após um breve período, começa a esboçar melhoras; porém mais uma morte acomete a família, dessa vez a da avó, Dona Rita. Por fim, o filho de Dodôte nasce, mas apresenta-se com diversos problemas de saúde, o que agrava ainda mais o estado melancólico da personagem.

Denotando a personagem Dodôte como um ser melancólico faz-se necessário o olhar para a melancolia; fator corroborativo do ser e de seu fim, pois o sujeito melancólico padece de um estado de não consonância com o resto do mundo e, principalmente, não há paz interior. Ele não consegue obter a plenitude de sua vida, há sempre a ausência e a solidão, pois seus sentimentos ímpares dificilmente são compartilhados ou entendidos. Trata-se, então, da aproximação da morte ainda em vida, muito embora o sujeito possa estar repleto de saúde física; ainda assim, sua alma é carente de repouso.

Um dos pontos observados da temática corneliana é a solidão como forma de propulsão para o mergulho interior; esse isolamento leva o ser ao completo divórcio com a realidade exterior, o que possibilita um direcionamento de análise voltado às rupturas de sentimentos das personagens e suas representações de morte.

Dodôte: um ser melancólico

Repouso destaca-se por manter em toda sua extensão o tom bastante lúgubre, gerado, muitas vezes, pela recorrência do luto e pela constante melancolia das personagens. É por meio da ideia de melancolia que se pretende aprofundar o entendimento da personagem Dodôte.

A visão que a personagem tem de si mesma carrega grande importância, pois é a partir dela que o romance se constrói; é através da visão de Dodôte que se tem o desvendamento da realidade, mesmo com a possibilidade dessa realidade ter sido modificada, pois se trata do olhar de um melancólico. O olhar do melancólico perante o mundo é peculiar em relação ao das outras pessoas, seu posicionamento diante das ações também o é. Sua autoimagem melancólica pode ser elucidada pelo que Sigmund Freud, em sua obra *Luto e melancolia* (1917), classificou com base nos seus estudos voltados ao superego. Para ele, a melancolia tinha semelhança com o luto, muito embora seu diferencial fosse o de que a melancolia não tratasse necessariamente da perda, a não ser de uma perda narcisista. Atualmente a melancolia pode ser diagnosticada seguindo as referências do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais que sugere como sintomas da melancolia: - A. Pelo menos um dos dois: falta de prazer nas atividades diárias; desânimo como reação a um estímulo agradável que em geral causaria prazer. - B. Pelo menos três dos seguintes: a falta de prazer e o desânimo não estão relacionados a um fato real que causaria tristeza natural (como no caso da morte de um próximo); a depressão é agravada na parte da manhã; o despertar é adiantado pelo menos em duas horas em comparação ao usual; profunda agitação psicomotora ou languidez intensa; perda de peso significativa ou anorexia; e sentimento de culpa constante e inapropriado.

Ao se destacar a personagem Dodôte, como representação da mulher melancólica, é forçoso tomar em conta alguns fatores, como a idade, o fato de ser solteira aos trinta anos e a falta de convívio social. A obra traz a imagem de uma mulher bastante sozinha, totalmente restrita ao convívio com outras mulheres, sem participar de qualquer tipo de festa ou comunicação social. O narrador salienta a idade de Dodôte, que tendo trinta anos ainda se encontrava solteira, fato não bem visto pela sociedade daquela época:

Compreendia agora, confusamente, porque os anos tinham passado vertiginosamente, sem conta, uniformes, e ela não os vivera, não se apercebera deles, e via, de repente: que chegara a uma idade em que as mulheres já realizaram a sua missão. Contava e via que trinta anos... trinta anos, e só assim se fazia luz em seu coração, e sabia afinal por que ele não despertara ainda, e talvez estivesse morto.(PENNA, 1998, p.51)

Os anos esvaem-se com grande velocidade para Dodôte, sombrios e sempre iguais, denotando que o tempo favorecia a languidez, característica intrínseca do ser melancólico, já que o passar do tempo não modifica a personagem, só assegura o descaso

às particularidades necessárias à maioria das pessoas. O tempo não a preocupa, não a importuna, pelo menos não fizera durante muitos anos. Dodôte vive imersa em seus pensamentos, numa esfera particular distante das convenções de tempo:

Dodôte vivia mergulhada, a princípio em sua infância sem ecos, e depois no torpor de sua puberdade sufocada sempre entre a atividade monótona do terreiro e a invencível sonolência do pátio cercado pela casa irregular, onde se erguia o mirante. (PENNA, 1998, p.38)

O deslocamento do corpo e a ausência social fazem de Dodôte um ser distante do palpável, distante do tempo real e da aderência às expectativas comuns. É sobre essa apatia do melancólico diante da vida que Lambotte disserta:

Seu sofrimento reside alhures, na impossibilidade justamente de emitir o mínimo desejo, sufocado que está pela ideia fixa de achar-se perdido de antemão. Fora de seu corpo e de seu espírito, o melancólico não consegue mais julgar o alcance de seus raciocínios e cai na alucinação ou na apatia, por nunca ter aprendido seus limites fora da projeção. (LAMBOTTE, 2000, p. 83)

O isolamento é uma constante na vida de Dodôte, assim como o excesso de pensamentos, duas condições que apontam para a melancolia, assim caracterizada por Lambotte: “Doença do pensamento em excesso, é também a doença que mais leva a pensar, em outras palavras, que alimenta tanto a reflexão filosófica quanto a verve poética” (2000, p. 10).

Mesmo que em companhia de poucas pessoas, o isolamento dentro de si mesma era inevitável:

Dodôte muitas vezes encerrava-se lá no alto, de onde se avistara a mata intensa e verde negra, e, por muitas horas, ficava isolada, toda entregue à alegria má de ficar só, de viver o longo pesadelo de sua excessiva felicidade... Estava acima de tudo e de todos, solitária entre o céu e a terra, e ninguém poderia vir arrancá-la de seu reino. (PENNA, 1998, p.38)

É neste momento que Dodôte encontra-se distante de todos, fechada em si mesma, que se percebe onipotente. Estava realmente acima de tudo e de todos, tanto no sentido geográfico, como também em sua justificativa de ser detentora de poder diante da ausência de outras pessoas. Para uma pessoa melancólica, a segurança localiza-se na distância dos demais, o que não representaria ameaça, em uma comparação livre ao que

disse a personagem Garcin, quase no final de *Huis clos* (*Entre quatro paredes*, escrita em 1944 e publicada inicialmente em 1947) de Jean-Paul Sartre: “O inferno são os outros”. Se a existência só seria comprovada por meio da convivência, isso revelaria o grande impacto dos *outros* em relação ao ser; mesmo sendo eles os possibilitadores da confirmação da existência, também são capazes de atrapalhar a compreensão da mesma.

Dodôte e os outros

Em vista dos fatores que cooperam para a construção da personagem, um dos fortes indicadores que contribuem de alguma forma para sua tentativa de reclusão é o meio em que ela vive, ou seja, a sociedade em que ela está inserida influencia no grau de exclusão ou tentativa de exclusão da personagem. Uma das marcas do texto em relação a isso é a consideração que o narrador faz sobre a idade de Dodôte juntamente com a missão que teria como mulher. O mais agravante seria o fato de que a missão da personagem ainda não tinha sido realizada, o que a colocaria num lugar contrário ao de outras mulheres de sua idade. Dodôte é representante da singularidade encontrada em uma mulher que não havia ainda encontrado um homem e conseqüentemente não havia tido um filho, isto é, não havia cumprido a missão da mulher. Sobre o valor do casamento diante da sociedade cabe lembrar o papel que foi outorgado à mulher:

Uma mulher só, na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga um aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos. (BEAUVOIR, 2009, p. 553)

Com a preocupação de Dodôte estar com idade já avançada para que fosse cumprida sua missão como mulher, pode-se ver que a personagem se encontra muito aquém das expectativas sociais. Dodôte se dá conta da passagem do tempo e do que foi feito de sua vida com o reconhecimento da idade de trinta anos. Quando Dodôte percebe-se com trinta anos, sabe-se também que há a imposição da sociedade que pede que a mulher se associe a um homem, para que seu valor possa ser reconhecido.

É neste momento que Dodôte passa a refletir sobre seu coração quase morto, pois ainda não havia tido contato com qualquer futuro pretendente: “e sabia afinal por que ele não despertara ainda, e talvez estivesse morto...” (PENNA, 1998, p.51). A reflexão parece bastante superficial e leva a crer que a idade é um ponto bastante relevante para a tentativa

de revelar as exigências sociais. A percepção de Dodôte passa por uma leve reflexão que não resulta em qualquer comoção ou ação. Mas o fato de o narrador ter apontado para a idade da personagem serve não apenas para demonstrar as preocupações relacionadas ao meio em que a personagem está inserida, mas também para apontar o fim da juventude e um possível amadurecimento, o que poderia refletir no agravamento do processo melancólico tanto por pressão externa como por parte de Dodôte.

A não adequação ao meio é reforçada pela chegada da idade de Dodôte que seria propícia ao casamento sem que o mesmo tenha sido realizado. O lugar ocupado pelo indivíduo deslocado do convívio social, apático diante da vida, é algo típico do melancólico, embora viva numa esfera paralela distante das expectativas comuns; ainda assim, isso não o faz avesso aos julgamentos, pois a valoração do sujeito sempre é buscada de alguma forma. Mesmo não participando ativamente da sociedade, esse sujeito também necessita da aprovação dos demais:

[...] alguém mostrou-lhe no espelho um rosto cheio de vida, com olhos radiantes de luz, a boca fecunda, vermelha e úmida, e lhe dissera, rindo: -É você, uma outra você...

Ela calou-se, e fugira para o quarto, onde se refugiara toda trêmula. Sentira que o sangue fugira das veias e se acumulara em seu coração. Talvez fosse aquela “outra” a que vivia e lutava nele, por uma vida diferente e uma morte nova.

Era ela que dizia sempre não, que a desmentira sempre, e desmascarava a sua maldade. E, desde aquele dia a inquietação de seu espírito se tornara realidade e passava a ser sua companheira habitual. (PENNA, 1998, p.56)

Diante da visão que Dodôte tinha de si mesma e da que as outras personagens tinham dela, cabe ressaltar a preocupação da família em casar a moça, fato que é levado com mais urgência, pois a personagem é cuidada por dois avós que já estariam na iminência da morte. Em uma sociedade patriarcal é imprescindível que a mulher seja *cuidada* por um homem, que ganhe valor social por meio de um casamento. É inegável a diferença de valor do casamento para o homem e a mulher, assim como suas funções:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. (BEAUVOIR, 2000, p. 547)

A angústia de viver

Dodôte é uma personagem bastante distante do referencial de felicidade, sua existência transita no sentido contrário à felicidade. Em *O mal-estar na civilização*, Freud afirma que a felicidade estaria condicionada à realização do programa do princípio de prazer; desde criança, o ser humano busca pelo prazer, ao mesmo tempo em que tenta evitar a dor, o sofrimento ou a tensão. Seria este princípio que governaria o comportamento humano principalmente quando criança. Dodôte resguarda-se diante da possibilidade de qualquer prazer, isto é, há a anulação do princípio do prazer proposta por Freud. Buscar a felicidade ou pequenos prazeres não é o caminho ou a preocupação de Dodôte. Muitos são os indicadores de que Dodôte ruma em direção à anulação do princípio do prazer, entre eles está o fato de não querer crer na imagem do espelho que lhe é mostrada ou tampouco acreditar que um homem poderia demonstraria reais interesses por ela.

A angústia é um sentimento recorrente dentro do estado melancólico. Aqui se faz interessante reconhecer a percepção mais comum para o termo, no intuito de ampliar o entendimento da dimensão da melancolia, enquanto ansiedade, aflição intensa, agonia, sofrimento; há também de se lembrar que Kierkegaard, quando trata da ansiedade, caracteriza a angústia “a realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade” (REICHMANN, 1972, p. 265), e ela é assim definida por Heidegger:

Como a angústia já sempre determinada, de forma latente, o ser-no-mundo, este, enquanto ser que vem ao encontro na ocupação junto ao “mundo“, pode sentir temor. Temor é angústia imprópria, entregue à decadência do “mundo“ e, como tal, angústia nela mesma velada. (2006, p. 254)

Revelada a definição do sentimento, pode-se inferir que a personagem tem grandes momentos de angústia; um desses dar-se-ia de acordo com a percepção da personagem de sua nulidade diante da vida:

Dodôte sentiu-se uma estranha entre eles. Estava também ali de passagem, e em breve, como aquele vulto que via no espelho, desapareceria sem razão, como viera, e como permanecera, de pé, entre eles. Foi com angústia que se afastou do lugar onde estava, onde ficara imóvel, como uma figurante de rosto belo que não

tomava parte do espetáculo senão pela sua presença, e voltou-se para a porta do corredor que se abria, bruscamente, para dar passagem a Dona Rita. (PENNA, 1998, p.137)

Só se pode conceber a ideia de figurante diante da noção de que existem outros personagens, ou seja, pela aceitação que existe a presença de um papel principal, assim como de secundários e de uma plateia. Os sentimentos de Dodôte são passados por meio de um narrador onisciente, que leva a crer na insignificância de Dodôte diante dos demais. O espaço em que Dodôte se encontra não se modifica com sua presença, sua permanência tem tão pouco a oferecer aos demais e cabe a ela somente figurar diante dos outros. Dodôte é uma personagem que muito tem a compartilhar com a ideia de um ser errante, sem perspectivas de vida, seus anseios são dados pela vida e não buscados por ela.

Há uma semelhança entre a angústia existencial de Dodôte e o fato de vagar como um fantasma, assim como o mito de Ahasvérus, personagem bíblico que faz parte das lendas cristãs e bastante aproveitado pela literatura, também chamado de judeu errante (FERREIRA 2000). Ele teria sido sapateiro em uma das ruas por onde passavam os condenados por crucificação. Quando Jesus Cristo, na sexta-feira da paixão, passava por esta rua carregando sua cruz, Ahasvérus o teria insultado. Tal insulto levou Jesus Cristo a amaldiçoar o judeu a viver vagando pela Terra, sem morrer, até o dia em que Jesus Cristo voltasse a Terra.

A morte, ou a incerteza da morte, não seria a única maldição a perturbar Ahasvérus, mas também o fato de sua maldição o ter deixado distante do reconhecimento nas pessoas próximas, que têm a morte como única certeza da vida, ou seja, não seria mais um ser comum. Ahasvérus não teria a capacidade de se reconhecer ou de se integrar a um grupo, sendo assim estaria condenado a viver sozinho. O corpo já não tem a mesma significância diante de um ser em que a alma se figura eterna, ou quase eterna, assim como o melancólico que se encontra desconectado emocionalmente de um grupo e que tem reflexões e espírito em demasia.

Dodôte teria a mesma falta de fixação de Ahasvérus à terra, vez que o melancólico não consegue se inserir no seu meio, parece não pertencer a lugar algum; como o mito, o melancólico parece também padecer de uma condenação no sentido de que “o melancólico aplica-se em perpetuar os ritos fúnebres cujos motivos ignora” (LAMBOTTE, 2000, 76). Dodôte está distante do pertencimento do mundo em que está inserida:

Sua cabeça pendeu, pesada de torpor e de ideias negras, e lhe vieram os pensamentos habituais, de que não era aquela cidade a sua pátria, não tinha consciência do lugar onde nascera, e ela própria não se conhecia, não sabia quem era e não se encontrava naqueles que a tratavam familiarmente.[...]

– Aquela casa não era sua casa... aqueles móveis não tinham a marca de suas mãos... sua própria alma era outra... agora presa e sufocada por tudo aquilo que a cercava.

Tudo era estrangeiro e hostil, todos guardavam qualquer segredo mau, perverso, que a prendia para sempre ali. (PENNA, 1998, p.55)

Considerações finais

Dos sentimentos humanos aqueles que mais se aproximam da morte trazem uma repulsa natural aos que procuram refugiar-se do tema. Pensar na morte não é natural ao homem, quase toda sua existência é voltada à plenitude da vida e não à sua finitude. A morte geralmente é vista como a fragilidade ou falência do outro ser e dificilmente pensa-se na própria morte, pois traria um difícil exercício a quem o fizesse. O romance *Repouso*, de forma geral, enfoca a temática da morte envolvida pela do luto, da solidão e da angústia. Temáticas não tão aprazíveis talvez pela falta de propriedade ou familiaridade que o homem pode ter ao falar da morte. O que acontece depois da morte é uma incógnita, o que de certa forma faz florescer a insegurança de qualquer homem diante do assunto, especialmente no campo religioso.

Dodôte é o ser que carrega em si a simbologia da morte, seja por suas vestes, por seus gestos e principalmente pela sua representatividade diante da vida, ou pela falta dela. A melancolia e o sofrer humano são lavrados tão profundamente que o romance *Repouso* proporciona um mergulho nos conflitos de Dodôte que todo o entorno familiar e social mostra-se ínfimo; a personagem toma todo o espaço e tempo da obra, tudo é relativo a ela, tudo lança luz aos pensamentos que sempre sorvem Dodôte da sua vida “normal”, tornando-a envolvida em si mesma. Todas as outras personagens acompanham o viver lento e passivo de Dodôte, são convidados a entrar e a sair em uma dança conduzida por ela.

Referências bibliográficas

- ADONIAS FILHO. Introdução geral. In: PENNA, Cornelio. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.
- _____. *Cornelio Penna: Romance*. Rio de Janeiro: ed. Agir, 1960.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Atlas, 2009.
- BEAVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CÉSAR, Guilhermino. “Cornelio, o de Itabira”. *Minas Gerais – Suplemento Literário* IX.430, 23 novembro, 1974, p.12.
- COUTINHO, Afrânio. dir. *Enciclopédia de Literatura Brasileira* São Paulo: Global, 2001.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FERREIRA, Jerusa Pires. “O Judeu Errante: a materialidade da lenda”. *Revista Olhar* 2.3 (2000): 1-7. Disponível em <http://www.olhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/viewFile/21/20>.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Além do princípio do prazer*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Luto e Melancolia*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GUNTRIP, Harry. *Schizoid phenomena, object-relations, and the self*. New York: International Universities Press, 1969.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LAMBOTTE, Marie-Claude. *A estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- PENNA, Cornelio. *Repouso*. Rio de Janeiro: Artium, 1998.
- REICHMANN, Ernani. *Kierkegaard*. Curitiba: JR, 1971.
- SARTRE, Jean Paul. *Entre quatro paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.